



MARIADITA

SENEPOL

JAGUARIÚNA



AGTECHS: AS STARTUPS DE TECNOLOGIA NO MUNDO DO AGRO.



O agronegócio é o motor da economia brasileira, e alimenta cerca de 800 milhões de pessoas no mundo e as Agtechs estão ajudando os empresários do agro a revolucionar este mercado.

Segundo o Censo Agropecuário, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2019, dos cerca de 5 milhões de estabelecimentos rurais do país, 3,8 milhões se referem a propriedades familiares, ou seja, cerca de 77%.

O Brasil vem sendo reconhecido como a agricultura mais competitiva e sustentável do mundo, sendo que em um ranking feito pelo Serviço de Estudos Econômicos do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), com 187 países, o Brasil liderou o crescimento de produtividade no mundo com taxas de crescimento de 3,18% ao ano.

Nesse cenário fértil surgem as agtechs ou agro-techs, que são as startups com atuação e soluções para o agronegócio.

Conforme um estudo recente do Distrito Agtech Mining Report, os investimentos nesses negócios já ultrapassaram a barreira de US\$ 160 milhões so-

mando os aportes feitos desde 2009.

O agronegócio representa mais de 25% do PIB brasileiro e segundo o Distrito Agtech Mining Report, há pelo 298 startups voltadas para o agronegócio em atividade no Brasil. Sendo que a categoria agricultura de precisão é a mais representativa, com 38% do total.

Em outro estudo o mercado das agtechs possui hoje números mais otimistas, ou seja no Brasil já existiriam cerca de 1.574 startups com foco nesse setor, sendo que desse total cerca de 90% estão nas regiões Sudeste (62,5%) e Sul (25,2%) do país (Radar Agtech Brasil 2020/2021).

Vale ressaltar que agronegócio não depende somente de fatores já conhecidos como a balança exportação, câmbio e commodities, mas também da imagem do Brasil no exterior, ou seja, dos impactos ambientais, das políticas sociais e de questões de governança corporativa, onde o tema ESG está intrinsecamente interligado a tudo isso.

Para alcançar metas e melhorar nossa produtividade, inúmeras startups estão a todo vapor criando novas oportunidades para o agro. Com o apoio de novas

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação. E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

tecnologias essas Startups inovam constantemente, conforme demonstra Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada e a Escola Superior de Agricultura, ambos da USP:

—Agropecuária de precisão com softwares de gestão e análises de dados;

—Automação e robotização de máquinas agrícolas, drones e visão computacional;

—Novas culturas agrícolas e agricultura urbana;

É possível ainda citar inúmeras outras possibilidades tais como tecnologias de baixo impacto ambiental para pecuária que visam manter a relevância econômica sem arruinar o meio ambiente.

Também temos a utilização da Internet das Coisas (IoT) na criação de animais, facilitando que os criadores possam acompanhar os rebanhos em tempo real, aumentando a produtividade e melhorando a qualidade.

Startups como a Ylive utilizam a biotecnologia e desenvolvem probióticos que permitem a elaboração de produtos específicos para os segmentos da criação animal, aumentando consequentemente a produção.

Outros exemplos que podemos citar é a utilização de blockchain para melhorar rastreabilidade e diminuir desperdícios de alimentos e a utilização cada vez mais intensa da automação de processos e máquinas no campo, tais como o uso de drones, tratores, sistemas de irrigação, etc.

Estes são apenas alguns exemplos de como as Agtechs estão revolucionando o mercado do agronegócio.

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br

Em sua primeira edição, Projeto Experiências do Brasil Rural beneficia cerca de 150 famílias que vivem no campo



Rota do Queijo Terroir Vertentes - Foto: Divulgação/ Mapa O Governo Federal, por meio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o Ministério do Turismo (MTur) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), apresentou os resultados da 1ª edição do Projeto Experiências do Brasil Rural. O Projeto Experiências do Brasil Rural foi lançado em 2020 com o objetivo de impulsionar produtos e serviços da agricultura familiar associados ao turismo, de forma a proporcionar vivências inovadoras aos visitantes, diversificar a oferta turística nacional

e gerar alternativas de renda no campo, a partir da formatação e do posicionamento de roteiros.

Participaram da primeira edição do projeto a Rota Amazônia Atlântica, do Pará; a Terra Mãe do Brasil, Seus Caminhos, Segredos e Sabores, da Bahia; o Agroturismo do Espírito Santo; a Rota do Queijo Terroir Vertentes e a Rota Gourmet das Terras Altas da Mantiqueira, em Minas Gerais; o Caminhos do Campo, em Santa Catarina; a Ferradura dos Vinhedos e o Roteiro Farroupilha Colonial, no Rio Grande do Sul.

Ao longo de quase 10 meses,

os roteiros turísticos selecionados foram acompanhados pela equipe técnica do projeto em atividades de diagnóstico, capacitação e mentorias, oficinas para formatação de experiências turísticas memoráveis, validação e apoio à comercialização.

A primeira edição do projeto contemplou as cadeias produtivas do queijo, vinho, cerveja e frutos da Amazônia, beneficiou cerca de 150 famílias, criando mais de 70 produtos de experiências turísticas memoráveis, incluindo vídeos promocionais e catálogos de experiências.

Participaram também da divulgação dos resultados a diretora do Departamento de Inteligência Mercadológica e Competitiva do Turismo do MTur, Nicole Facuri; o coordenador do projeto, Osiris Marques; e o coordenador de Integração Acadêmica da UFF, André Brandão.

Atividades desenvolvidas

Para cada um dos roteiros atendidos foram realizados diagnósticos em quatro dimensões - Experiência, Hospitalidade, Qualidade Técnica e Gestão & Marketing -, avaliadas por meio de questionários e oficinas virtuais, que subsidiaram a construção de planos de ação.

Em seguida, na etapa de "Qualificação dos Roteiros", foram realizados dez minicursos de capacitação, totalizando uma

carga horária de 200 horas aula, além de atividades de mentoria, que somaram 200 horas de atendimento individualizado para os agricultores familiares.

Os participantes do projeto contaram, ainda, com os seminários virtuais "Visões de Mercado". Foram quatro palestras com empreendedores da área e representantes do mercado, que apresentaram conteúdos inovadores sobre turismo rural.

Na etapa de "Desenvolvimento das Experiências", o projeto realizou 64 oficinas, que resultaram na criação de 71 experiências turísticas, posteriormente validadas pelas equipes do MTur e da UFF durante as visitas técnicas aos roteiros.

Já na etapa de "Promoção e Apoio à Comercialização", os representantes dos roteiros e seus empreendimentos participaram de dois eventos: Feira Internacional de Turismo de Gramado (Festuris) e Festival de Turismo das Cataratas.

Inscrições abertas

A segunda edição do Projeto, com as inscrições abertas até o dia 1º de abril de 2022, selecionará oito novos roteiros turísticos, que contarão com apoio técnico para estruturação dos destinos e empreendimentos, bem como a comercialização de produtos e serviços. O início das atividades com os roteiros está previsto para o mês de maio.

Exportações do agronegócio ultrapassam US\$ 10 bilhões em fevereiro e batem recorde para o mês

Em fevereiro deste ano, as exportações do agronegócio alcançaram cifra nunca obtida para meses de fevereiro - Foto: Banco de Imagens

Em fevereiro deste ano, as exportações do agronegócio alcançaram cifra nunca obtida para meses de fevereiro, atingindo o valor recorde de US\$ 10,51 bilhões (+65,8%). O maior valor exportado em fevereiro havia sido registrado em 2019 (US\$ 6,84 bilhões). O resultado foi US\$ 4,17 bilhões superior aos US\$ 6,34 bilhões do mesmo período de 2021.

O crescimento das exportações foi motivado pelo aumento dos preços médios dos produtos exportados (+24%), e pela alta na quantidade exportada (+33,7%).

As importações do agronegócio alcançaram US\$ 1,25 bilhão em fevereiro de 2022 (-2,1%).

O recorde das exportações de fevereiro de 2022 elevou a participação do agronegócio no total das vendas externas do país para 45,9% do valor total exportado. Em fevereiro de 2021, a participação foi de 38,7%.

Conforme dados divulgados pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), as exportações tiveram desempenho favorável com destaque para a soja em grãos, carne bovina in natura, café verde, farelo de soja, carne de frango in natura e trigo.

Soja em grãos e farelo

Segundo nota da SCRI, o volume recorde de soja em grão no mês de fevereiro explica grande

parte da expansão do índice de quantum das exportações do agronegócio (+3,63 milhões de toneladas, que resultaram em exportações de 6,27 milhões de toneladas).

A China é, historicamente, a maior importadora de soja em grãos do Brasil. No mês de fevereiro, o país asiático adquiriu US\$ 2,17 bilhões (+186,6%) ou 4,3 milhões de toneladas (+129,6%). Este volume representou 69,1% da quantidade que o Brasil exportou ao mundo.

As vendas externas de farelo de soja também alcançaram recorde, com registros de US\$ 699,62 milhões em exportações (+50,2%), fruto da elevação de 52,8% no volume embarcado. A União Europeia foi a maior compradora, com US\$ 285,33 milhões (+10,7%), seguida por: Indonésia (US\$ 118,63 milhões; +5,3%); Tailândia (US\$ 99,62 milhões; +327,3%); e Vietnã (US\$ 77,62 milhões; +5.144,5%).

Carne bovina e de frango

Outro desempenho positivo foi a da carne bovina, com crescimento das vendas externas de 75,1%, atingindo US\$ 965,02 milhões. O volume exportado aumentou 42% e o preço médio de exportação 23,3%.

A China foi responsável pelo forte desempenho das exportações de carne bovina in natura. Os registros de vendas ao país asiático subiram de US\$ 261,79 milhões (fevereiro/2021), ou 56,41 mil toneladas, para US\$ 546,49 milhões (fevereiro/2022) (+108,7%) ou 87,1 mil toneladas (+54,4%).

As vendas externas de carne de frango subiram de US\$



510,58 milhões (fevereiro/2021) para US\$ 643,11 milhões (fevereiro/2022), alta de 26%. O incremento do preço médio de exportação foi de 18,8%, e o volume exportado aumentou 6,0%.

O principal destino foi o mercado chinês, com exportações de US\$ 85,58 milhões (-0,9%). Outros mercados que adquiriram o produto foram: Emirados Árabes (US\$ 80,71 milhões; +132,9%); Japão (US\$ 48,13 milhões; -16%); México (US\$ 45,41 milhões; +832,1%); Arábia Saudita (US\$ 43,6 milhões; -42,3%); e União Europeia (US\$ 32,67 milhões; +117,6%).

Café verde

As exportações brasileiras de café verde registraram aumento de preços de 83,5%. Desta forma, o Brasil exportou 208,5 mil toneladas de café verde, expansão de 9,1% no volume vendido ao exterior em relação a 2021.

Com forte aumento nos preços médios de exportação e expansão do volume exportado, houve registro recorde das vendas externas de café verde, que chegou a US\$ 828,05 milhões em fevereiro (+100,2%).

Trigo

O Brasil é, tradicionalmente, importador do produto. Em fevereiro de 2022, as exportações do cereal superaram as importações: US\$ 246,3 exportados (836,6 mil toneladas), contra US\$ 141,58 milhões importados (498,8 mil toneladas).

Em janeiro e fevereiro de 2022, as exportações recordes de trigo, em valor e em volumes (1,48 milhão de toneladas; +184,2%), apresentaram como principais destinos: Arábia Saudita (US\$ 85,63 milhões; 19,6% de participação); Marrocos (US\$ 68,16 milhões; 15,6%); e Indonésia (US\$ 65,70 milhões; 15%).

Inseticida fisiológico inédito é registrado para o controle de lagartas



As larvas dessa vespinha parasitam as pupas das lagartas, sendo nesse registro específico, indicada para controle da lagarta dos eucaliptos e da broca da cana-de-açúcar. - Foto: MAPA

O Ato nº 18 do Departamento de Sanidade Vegetal e Insumos Agrícolas da Secretaria de Defesa Agropecuária, publicado nesta ter-

ça-feira (19/04), no Diário Oficial da União, traz o registro de 28 defensivos agrícolas formulados, ou seja, produtos que efetivamente estarão disponíveis para uso pelos agricultores. Desses, dois são de ingredientes ativos inéditos, sendo um deles considerado de baixo impacto.

Entre os produtos químicos

registrados, pela primeira vez um produto formulado à base do ingrediente ativo Bistriflurom será ofertado aos agricultores. Trata-se de um inseticida fisiológico para o controle de lagartas importantes, com indicação de uso nas culturas do algodão, citros, milho e soja. Segundo a classificação da Anvisa, este é um produto Classe V, ou seja, improvável de causar dano agudo.

Para o controle da ferrugem-asiática e da mancha-alvo na soja, novamente será ofertado um fungicida à base de Impirfluxam, o terceiro registrado em 2022.

A novidade dos biológicos fica por conta do primeiro registro da vespinha *Trichospilus diatraeae* com uso aprovado para a agricultura orgânica. As larvas dessa vespinha parasitam as pupas das lagartas, sendo nesse registro específico, indicada para controle da lagarta dos eucaliptos e da broca da cana-de-açúcar.

Além disso, outros quatro produtos foram registrados com uso aprovado para a agricultura orgânica. Uma vespinha, *Palmistichus elaeisis*, um isolado de *Beauveria bassiana*, um *Metarhizium anisopliae* e um outro com o óleo de

nem.

Outros três produtos de baixo impacto divulgados no Ato são hormônios vegetais, que embora não tenham efeito tóxico para pragas são registrados com base na mesma Lei dos Agrotóxicos.

Os produtos de baixo impacto são importantes para a agricultura não apenas pelos aspectos toxicológico e ambiental, mas também por beneficiar as culturas de suporte fitossanitário insuficiente, uma vez que esses produtos são aprovados por pragas-alvo e podem ser recomendados em qualquer cultura.

Os demais produtos utilizam ingredientes ativos já registrados anteriormente no país. O registro de defensivos genéricos é importante para diminuir a concentração do mercado e aumentar a concorrência, o que resulta em um comércio mais justo e em menores custos de produção para a agricultura brasileira.

Todos os produtos registrados foram analisados e aprovados pelos órgãos responsáveis pela saúde, meio ambiente e agricultura, de acordo com critérios científicos e alinhados às melhores práticas internacionais.

Projeto traça perfil de sustentabilidade da cadeia produtiva da canola

O Inventário do Ciclo de Vida (ICV) da canola nas condições brasileiras é inédito. A cultura é a terceira oleaginosa em volume de produção no mundo

A Embrapa Agroenergia (DF) finalizou um importante estudo que resultou no Inventário do Ciclo de Vida (ICV) da canola para a região Sul do País, onde está concentrada a produção nacional da oleaginosa. O trabalho foi realizado em parceria com a Embrapa Trigo (RS), com a Universidade de Brasília (UnB) e contou com participação do setor privado, representado pela Celena Alimentos e pela Associação Brasileira dos Produtores de Canola (Abrasca-nola).

Inéditos para a cultura da canola no Brasil, o levantamento e a avaliação dos dados que resultaram no ICV consideraram tanto a produção de grãos (fase agrícola) quanto o seu beneficiamento para a produção do óleo e do farelo (fase industrial), principais produtos da cadeia.

“A estruturação do Inventário do Ciclo de Vida é uma etapa muito importante e indispensável para definir os estudos, como a Avaliação do Ciclo de Vida, que visam definir o desempenho ambiental de produtos e avaliar os impactos ambientais potenciais”, explica o pesquisador da Embrapa Agroenergia Alexandre Cardoso, líder do projeto.

Ele acrescenta que a busca por sistemas de produção mais sustentáveis vem crescendo e, considerando a participação do agronegócio brasileiro no mercado mundial, é de suma importância avaliar o desempenho ambiental dos produtos nos sistemas de produção brasileiros. Isso porque cada vez mais países levam em consideração questões ambientais para estabelecer barreiras não-tarifárias, a fim de restringir o comércio de produtos que não comprovem serem oriundos de um sistema produtivo sustentável.

Ao justificar a escolha da canola, o pesquisador explica que ela é a terceira oleaginosa com maior volume de produção no mundo e que ainda não havia ICV para a cultura nas condições brasileiras, que diferem muito do cultivo realizado em outros países.

A proposta foi contemplada

com recursos de um edital do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (CNPq/MCTI) para produção de ICVs de produtos nacionais, visando disponibilizar os resultados para o Banco Nacional de Inventários do Ciclo de Vida (SICV Brasil).

“Embora a sua produção ainda seja pequena no Brasil, a cultura vem demonstrando potencial de expansão para a Região Centro-Oeste, representando uma alternativa para complementar o mercado de óleos vegetais do País”, avalia o pesquisador.

Canola no Cerrado

Em 2021, a cultura foi trazida para o Cerrado brasileiro por meio do projeto Procanola, liderado pelo pesquisador Bruno Laviola, da Embrapa Agroenergia. Dados preliminares demonstram que o plantio no Distrito Federal alcançou produtividade média de 2 mil quilos por hectare, valor acima da média brasileira, que é de 1,4 mil kg/ha, mesmo com o baixo índice pluviométrico do plantio à colheita.

“A ideia é expandir os estudos com a mesma abordagem para a elaboração dos ICVs para cultivo em sequeiro e irrigado na Região Centro-Oeste, com foco numa abordagem de produção de baixo carbono de óleo e proteína vegetal”, prevê Laviola.

Foto: Joseani Antunes

Brasil precisa de mais inventários regionalizados

As principais bases de dados atualmente disponíveis são internacionais e, embora incluam um grande número de processos, ainda são poucos os que representam condições brasileiras, o que pode acarretar potenciais distorções nas análises e comparações por meio da ACV.

“Considerando a extensão do território brasileiro, a geração de inventários nacionais e regionalizados para os produtos e disponibilização no Banco Nacional de Inventários do Ciclo de Vida (SICV Brasil) e bancos de dados internacionais requerem esforço contínuo e investimentos”, frisa Cardoso.

“A disponibilização do ICV da canola, após a validação pela equipe do SICV Brasil, é oportuna no atual contexto de introdução



dessa oleaginosa como cultura de segunda safra na Região Centro-Oeste. Abre-se a possibilidade de demonstrar a sustentabilidade da expansão de oferta de óleos vegetais no Brasil nos próximos anos”, analisa a economista e pesquisadora da Embrapa Rosana Guiducci.

Artigo

ACV - A base para uma economia circular

Por Maurício Lopes

Pesquisador e ex-presidente da Embrapa

Os recursos naturais utilizados para a produção de alimentos, fibras e bioenergia são, em sua maioria, renováveis, o que deveria permitir que os mesmos fossem considerados altamente sustentáveis. No entanto, a agricultura pode incorporar práticas e processos que a aproximem da lógica de indústrias extrativas – como a mineração, o que irá caracterizá-la como não-sustentável.

Por isso, os produtores agrícolas estão sendo pressionados a demonstrar que os insumos ambientais que utilizam (como água, solo, matéria orgânica, biodiversidade, etc.), e os serviços ambientais que acessam (como regulação dos ciclos hidrológicos, fixação de carbono, polinização, reciclagem de resíduos, etc.) sejam tratados de forma segura e parcimoniosa, obedecendo a critérios de sustentabilidade. Razão do crescente interesse em métodos de quantificação da sustentabilidade que permitam avaliar diferentes práticas de produção agrícola quanto aos cuidados com a natureza.

A Avaliação do Ciclo de Vida (ACV) é uma das metodologias mais consagradas para esse fim, tendo sido desenhada para medir

os impactos ambientais de um produto, processo ou serviço, desde a sua produção e uso até o descarte – trajetória também descrita como “do berço ao túmulo”.

Esse tipo de análise está na base da emergente Economia Circular, que surge como alternativa ao modelo econômico tradicional, baseado em extração de matérias-primas, fabricação, uso e descarte. Como é inviável seguir consumindo recursos naturais finitos e produzindo resíduos e descartes sem limites, é imperativo substituir o modelo de produção linear por um modelo circular, no qual materiais são devolvidos ao ciclo produtivo por meio da reutilização, da recuperação e da reciclagem.

Ao longo das últimas décadas, as Avaliações de Ciclo de Vida incorporaram metodologias cientificamente embasadas e foram padronizadas por normas técnicas internacionais, o que facilita a sua ampla aplicação e aprimoramento.

Um exemplo recente da aplicação desse conceito é o RenovaBio, uma política pública destinada a fortalecer o uso dos biocombustíveis no Brasil. Por meio da avaliação do ciclo de vida, a contabilidade das emissões de carbono dos biocombustíveis pode ser realizada de forma precisa, em comparação aos combustíveis fósseis.

Tais medidas permitem identificar e recompensar produtores que investem na melhoria do desempenho ambiental dos seus processos, promovendo a redução de emissões de gases de efeito estufa, o que por sua vez promove o aumento sustentável da produção de biocombustíveis no Brasil, com base em eficiência e qualidade ambiental.

DICAS DO MUNDO PET

Como socializar cães adultos



A melhor brincadeira para uma criança é com outra criança. O mesmo acontece com os cães. Mas e aqueles que já são adultos e não são socializados?

Se o cachorro não é ensinado desde filhote a interagir com outro cão, ele pode se tornar não-socializado e reativo. Sem entender a linguagem canina, o cachorro não socializado passa a ser um problema também para o tutor. Já que fica difícil frequentar praças, parques ou qualquer local pet friendly.

Alguns profissionais do comportamento argumentam que nem todos os cães precisam ser socializados. Dizem que está tudo bem caso o cachorro não queira interagir com seus co-específicos. Nenhum cachorro é obrigado a ser super sociável, mas a presença de um outro cão também não pode gerar um grande estresse.

Imagina aquele cachorro que não é socializado, vive em um mundo apenas de humanos, não compreende a linguagem canina, mas passa mal e precisa ser levado ao hospital veterinário. Obrigatoriamente ele irá encontrar com outros cães, nem que seja só pelo cheiro. Ele já estará em desconforto pela dor. Imagina o aumento dessa angústia ao ter que lidar com um ser que é tão estranho para ele.

É inegável que em algum momento da vida um cachorro precisará estar no mesmo ambiente que outro. Para minimizar o estresse, é muito importante que ele saiba minimamente lidar com aquela situação.

Primeiro passo para a socialização

Compreender a linguagem de um cachorro não começa apenas pelo visual, mas pelo cheiro. Por isso, o primeiro passo para a socialização é colocá-lo na presença do cheiro de outro cão, com associação positiva (petisco, por exemplo).

Passear em praças vazias, bem cedinho, quando nenhum outro cão acordou ainda, é uma ótima alternativa. Vá com uma guia bem comprida e deixe o cachorro cheirar cada cantinho. Lembre de recompensar, mesmo que verbalmente ("muito bem!"), para ir fazendo a associação positiva.

Segundo passo para socializar um cão adulto

Mesmo que ele não seja socializado, ele tem experiências e memórias de interação com outros cães. Pode ser algo legal ou nem tanto. A questão é não se apegar a isso, mas respeitar o espaço de segurança.

Todo cachorro tem uma distância na qual se sente confortável ao ver outro cão. Quanto maior for a distância, menor é essa tolerância. A parte mais difícil é encontrar esse limite, manter o animal dentro da zona de conforto e recompensá-lo.

Aos poucos, associando a presença do outro cão a algo positivo e confortável, essa distância pode diminuir bem aos poucos. Tudo com muita paciência e observação

do comportamento dos cães.

Essa fase só irá funcionar se o cão já estiver condicionado previamente a ter foco na sua mão ou mesmo em algum brinquedo, como o tapete de lamber. Do contrário, o treino só irá estressá-lo.

Terceiro passo precisa de um cão-professor

A parte mais difícil para socializar um cachorro adulto é a necessidade de ter um segundo cão treinado para isso. Não podemos utilizar qualquer cachorro para esse passo. Isso porque iremos soltar dois cães (o que está sendo socializado e o "professor") em um mesmo espaço bem grande.

O segundo cachorro (o "professor") não pode ir em direção ao cão em aprendizado. Isso irá colocar todo o trabalho feito até aqui no lixo. Já que o cão poderá se sentir desconfortável, com possibilidade de reatividade.

Ambos os cães devem estar no ambiente, porém focados cada um em uma atividade diferente. Pode ser simplesmente cheirar o chão, buscar petisco na grama, treino de adestramento ou mesmo um tapete de lamber.

Começamos com um tempo curto e vamos aumentando esse tempo ao longo dos dias. Sempre respeitando qualquer sinal de desconforto no cão em aprendizado.

Quarto passo: ensinar a fugir
Um cão socializado não é aquele que chama para brincar e fica todo feliz quando vê outro. Mas aquele que não é reativo, tolera a presença do outro e, em caso de desconforto, sabe como agir.

A Aurora, minha cachorrinha, foi socializada por mim já adulta. Hoje ela tem interesse em cheirar outros cães. Mas chamar para brincar, aí já é muita intimidade. Ela não curte. Por isso, eu a ensinei a fugir. Talvez esse seja o ensinamento mais fundamental no processo de socialização.

Com medo, o cachorro tem duas reações primordiais: luta ou fuga. Na luta, ele ataca, na fuga, ele se esconde. No auge dos seus 2,5 kg, a Aurora é bem ágil para fugir.

Para estimular esse comportamento, basta chamar o cão para longe das situações de desconforto. Chegou um cachorro na pracinha e seu peludo está dando sinais de desconforto, chame-o de forma bem festiva para longe da situação.

Obviamente que esse passo só irá funcionar se o cachorro já estiver treinado e ir, quando chamado.

Quinto passo: bom senso

O quinto e último passo é fundamental para que não haja retrocesso no processo de socialização. Se seu cachorro tolera apenas poucos cães juntos, não invente de leva-lo na pracinha lotada no domingo à tarde. Dê preferência a locais mais vazios, em horários alternativos. Mas não deixe de leva-lo.

Manter a frequência de treinos e passeios para socialização é de extrema importância. Vide a pandemia, onde os cães também ficaram isolados, perdendo ou

diminuindo a capacidade de socialização com outros cães. Isso aconteceu com a Aurora mesmo. Ela regrediu muito no processo por ter ficado muito tempo sem ter contato.

A socialização não acontece do dia para a noite. Muito menos é algo que uma vez feito irá se manter para o resto da vida. Cabe a nós, tutores, incentivarmos os comportamentos que queremos e que são importantes para o bem-estar dos peludos.

suas fruteiras. "Com essa informação, eles podem se preparar e treinar seu pessoal. Orientar para que fiquem em alerta e saibam identificar e combater a praga. E como é um inseto exótico, uma das atitudes a tomar, quando identificado, é avisar o Mapa", diz.

Impactos econômicos

A fruticultura é um segmento importante da cadeia produtiva brasileira. O Brasil é o terceiro maior produtor e o segundo maior exportador de frutas do mundo. A atividade gera em torno de 6 milhões de empregos. "A Bactrocera dorsalis é uma praga de grande importância econômica e se for introduzida em nosso País, os impactos certamente serão muito grandes, tanto pelos prejuízos causados quanto pelos altos custos de controle", comenta Graciane de Castro.

A única espécie do complexo Bactrocera que já se encontra presente no Brasil é a praga quarentenária B. carambolae. Para desenvolver ações de erradicação e controle dessa praga, também conhecida como mosca-da-carambola, o Mapa tem investido entre R\$ 20 e R\$ 25 milhões por ano, sem contar os gastos dos órgãos estaduais envolvidos no controle dessa praga e os investimentos em pesquisas realizadas pela Embrapa. A estimativa é que o combate à B. dorsalis possa gerar custos ainda maiores. Isso porque a quantidade de hospedeiros, comprovados e potenciais, é grande, incluindo cultivos de relevante interesse econômico e social, como citros, café, melão, manga e banana.

Os danos diretos causados pela praga são a redução da produtividade e da qualidade dos frutos. Como as larvas se alimentam da polpa dos frutos hospedeiros, eles se tornam impróprios para o consumo in natura e também para a industrialização. Indiretamente, pode afetar as exportações em função das restrições quarentenárias impostas por países importadores, com a finalidade de prevenir a entrada e o estabelecimento do inseto. Outra consequência pode ser a dificuldade de acesso aos novos mercados importadores.

Foto: Siglia Souza

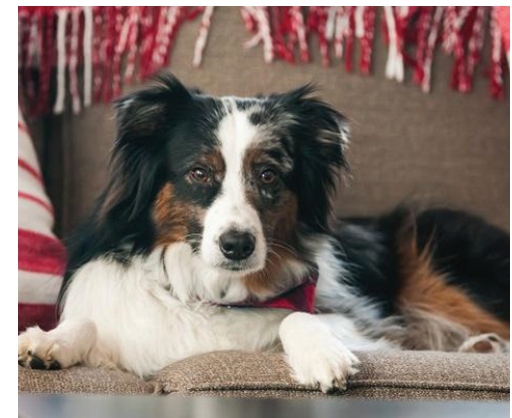
Capacidade de crescimento e adaptabilidade

Bactrocera é um dos gêneros da subfamília Dacinae, que faz parte da família Tephritidae, conhecida por abranger as moscas-das-frutas, pragas de grande importância econômica para diversos cultivos de todo o mundo. Esse gênero possui cerca de 400 espécies de pragas relevantes à agricultura mundial, sendo que aproximadamente 75 pertencem ao complexo Bactrocera dorsalis.

Originária da Ásia, a B. dorsalis está amplamente distribuída também no continente africano e na Oceania. Nas Américas, a praga está restrita aos Estados Unidos, no estado de Los Angeles, onde se encontra sob erradicação e com área de ocorrência delimitada sob quarentena oficial.

Entre os fatores que favorecem a capacidade invasiva e de crescimento da B. dorsalis estão seu grande número de hospedeiros (cerca de 300 espécies vegetais), sua alta capacidade reprodutiva, alta adaptabilidade, resistência a inseticidas e habitat de alimentação dentro dos hospedeiros no estágio larval, o que a protege de inimigos naturais.

Cachorro pode dormir de coleira?



Um dos mais famosos acessórios caninos é a coleira. Existem diversos tipos e que podem ser usados em diferentes momentos. Será que cachorro pode dormir de coleira? Vamos descobrir se na hora do descanso o seu pet terá algum problema com isso.

Cachorro pode dormir de coleira?

Cachorro pode dormir de coleira, desde que ela seja adequada para evitar acidentes. Cães podem descansar de coleira, e ela sempre deve ter a placa de identificação. O único momento em que realmente é necessário tirar a coleira do pet é na hora do banho.

Lembrando que cachorros não podem permanecer presos o tempo inteiro na coleira com guia. O único momento adequado para se utilizar esses itens por longo período é durante os passeios.

A coleira de pescoço é recomendada para usos diários, mas não é indicada para passeios, principalmente se o seu cachorro for daqueles que puxam a guia. Para passear com seu pet, o melhor é o uso de peitoral.

Fique sempre de olho no bem-estar do seu pet, pois utilizar a coleira durante muito tempo pode causar feridas no pescoço e prejudicar a pelagem do cão nesta região. O mesmo vale para cães que usam peitoral.



Você sabe o que é feromônio felino?



Você já reparou que o seu gatinho vive se esfregando nas coisas e em você? Sabe por que isso acontece? É porque ele está querendo deixar a marca dele registrada em você e nos lugares que eles passam. O feromônio de gato é uma substância química liberada como uma forma de comunicação entre os felinos.

Os feromônios são espécie-específicos, ou seja, somente animais da mesma espécie podem sentir os feromônios liberados por outros da mesma espécie. Por exemplo: os felinos não percebem os feromônios dos cães e vice-versa.

E onde os feromônios são produzidos?

Basicamente, os feromônios são produzidos na região das:

- Bochechas
- Têmporas (entre orelhas e olhos)
- Proximidades dos bigodes
- Embaixo da boca, no queixo

Algumas outras regiões do corpo dos felinos também produzem feromônios:

- Nas glândulas mamárias (no caso das fêmeas, logo após o nascimento dos filhotes)
- Embaixo das patinhas (nos coxins, ou almofadinhas)
- Perto do ânus e genitais
- Na base (começo) do rabo

Os feromônios também podem ser liberados na urina, e alguns estudos também relatam que eles podem estar presentes nas fezes.

E para que servem os feromônios?

- Aumentar o senso de segurança dos gatos em seu território
- Induzir um comportamento natural para eles, que chamamos de "comportamento de marcação", principalmente quando eles arranham e esfregam a cabeça em paredes e objetos
- Trazer bem-estar
- É também uma ferramenta de enriquecimento ambiental

- Auxilia na adaptação de gatos

- Auxilia na diminuição do estresse em viagens, mudanças e consultas veterinárias

- Ajuda no tratamento de problemas comportamentais, como xixi fora da caixa e arranhadura em locais inapropriados.

E quais os feromônios sintéticos que existem?

- Serenex spray e Serenex difusor: possui o feromônio liberado na marcação de objetos (F3) e o feromônio produzido na glândula mamária (FAP).

- Feliway Classic: possui o feromônio F3.

- Feliway Friends difusor: possui o feromônio FAP.

- Feliway Feliscratch: feromônio interdigital.

E como os gatos captam esses feromônios do ambiente?

Os gatos possuem um "segundo sistema olfativo", que é o sistema de captação dos feromônios. As moléculas dele entram por um burquinho localizado no céu da boca (perto dos dentes incisivos), passam pelo órgão vomeronasal (localizado entre o nariz e o céu da boca), e de lá, vão para algumas regiões do cérebro.

Você já viu o seu gato cheirando algo, e logo após isso abrindo a boca sutilmente? Como se tivesse puxando algo para dentro? Pois é, esse movimento é chamado de "Reflexo de Flehmen". É assim que os felinos percebem e decifram os feromônios no ambiente e até nos outros gatos.

E como os feromônios sintéticos devem ser utilizados?

Os feromônios são apenas uma ferramenta para nos auxiliar nas situações citadas acima. O trabalho de terapia comportamental também necessita de outras ferramentas para ter sucesso.

Sempre procure o auxílio de um profissional especializado em comportamento de felinos para que ele te oriente qual ou quais feromônios devem ser indicados, e qual a maneira correta deles serem utilizados.

Cachorro pode ficar perto de bebês?



Aumentar a família é sempre muito gostoso, mas muitos pais e mães ficam preocupados com a interação entre o bebê e o cão da casa, se questionam se essa convivência afetará a saúde da criança, se o pet sentirá "ciúme" do bebê ou se vão se dar bem.

Caso você esteja se questionando se cachorro pode ficar perto de bebês, a resposta é sim! Mas é importante se atentar a alguns cuidados importantes e vamos explicar os motivos.

Cachorro pode ficar perto de bebês?

Alguns estudos demonstraram que bebês que crescem interagindo com cães convivem melhor com os pais e amigos no futuro, sendo assim, essa é uma interação benéfica para o psicológico da criança. Mas será que para a saúde do bebê essa amizade também é boa?

Nos primeiros seis meses de vida do bebê, o cãozinho deve ficar mais distante da criança e dos locais que ela mais frequenta, pois o sistema imune dela ainda não está bem desenvolvido, estando mais suscetível a doenças. Porém, é importante que ocorra aquela primeira apresentação que vemos em alguns vídeos nas redes sociais, quando os recém-nascidos são expostos aos seus irmãos peludos pela primeira vez. Não há nenhum mal em ter essa conduta, mas é importante observar a reação do pet para não ocorrer alguma movimentação brusca ou agressividade por parte do cão.

Como preparar o cão para a chegada do bebê?

O preparo se inicia antes mesmo da criança nascer, deixando o cão entrar, explorar o quarto do futuro morador e fazer com que ele interaja com outras crianças em um ambiente neutro. Outra dica é torná-lo mais independente, pois com a chegada do bebê é natural que a atenção se volte ao pequeno e se essa mudança de foco for muito abrupta, o cão pode se sentir sozinho e associar a criança a um sentimento negativo, por

isso, aposte em brinquedos interativos que o estimulem a se distrair e se acostumar com a sua ausência.

Apresentando o bebê ao cão

Esse é o momento mais aguardado e preocupante para os pais e mães de planejamento, com toda razão, pois não desejam que o cãozinho se estresse e agrida o bebê. Para evitar essa situação, daremos dicas valiosas para que essa interação seja saudável e evitar que o peludo se sintam mal com a chegada do novo integrante da casa:

- Opte por um momento tranquilo, em que não esteja ocorrendo grande circulação de pessoas na casa, busque um lugar silencioso que o pet goste;

• Apresente o bebê no colo e permita que o cão sintam o cheiro da criança. Neste momento, fique atento ao temperamento do cão, caso ele tenha uma reação muito brusca ou agressiva, interrompa a interação e escolha outra oportunidade;

• O cão, neste momento, pode demonstrar muito interesse e curiosidade, então, caso não saiba identificar e diferenciar esse tipo de ação com agressividade, busque a ajuda de um profissional de comportamento canino;

• Aposte na técnica do reforço positivo, que consiste em associar a criança a uma experiência boa e interessante. Promova brincadeiras perto do bebê, dê atenção aos dois igualmente, e sempre recompense com petiscos o bom comportamento dele perante a criança. Esse tipo de conduta evita que o cachorro demonstre algo parecido com "ciúme" e a convivência entre os dois seja mais saudável e respeitosa.

Cuidados importantes com a saúde do pet

A forma de apresentação entre bebê e cachorro não é o único ponto importante para o sucesso da interação. Na verdade, a questão de saúde e higiene é a que os pais mais se preocupam quando o assunto é convivência entre os pets e seus filhos.